

Ceilândia Investimentos S/A

A cidade movimenta 40% do material de construção e 80% do açúcar vendidos no DF. E tem um plano para crescer bem mais

Fernanda Lambach
Da equipe do Correio

Há muitos motivos para investir na Ceilândia: espaço, mão-de-obra farta, milhares de consumidores prontos para comprar novidades que não sejam muito caras. Nesse cenário é que a Administração Regional e a Associação Comercial e Industrial da Ceilândia (Acic) pensam em dar incentivos para que empresas sejam montadas e se instalem na cidade.

Hoje, mais de sete mil estabelecimentos comerciais e industriais envolvem 85 mil residências da Ceilândia, que tem uma população de aproximadamente 500 mil habitantes.

A aridez da paisagem não significa esterilidade, mas desafios para os que têm garra e querem lucrar, trabalhando muito. Apesar do número assustador de 50 mil desempregados, não faltam dados para demonstrar a força econômica de Ceilândia.

Do total de material de construção usado no Distrito Federal, 40% sai da Ceilândia. Também na cidade, são empacotados 80% do açúcar e 55% do feijão consumidos do DF. Além disso, 30% do abastecimento do mercado de atacado é da Ceilândia e 60% dos móveis feitos sob encomenda saem de lá.

PERTO DE CASA

Os trabalhadores, na sua maioria mão-de-obra não especializada, preferem trabalhar na cidade, perto de casa, do que tentar emprego no Plano Piloto ou em cidades mais distantes. É o caso de Allan dos Santos, entregador do Supermercado Espírito Santo.

Ele trabalha há três anos no supermercado e acha ótimo morar perto, no QNN 08, e poder ir almo-

çar em casa todos os dias. "Dá até para tirar um cochilo", confessa Allan. O entregador garante que não sairia atrás de um trabalho fora da Ceilândia: "É melhor não ter dor-de-cabeça para pegar ônibus".

Quem tira proveito disso são comerciantes e donos de pequenas indústrias, que não precisam distribuir nem vale-refeição nem vale-transporte.

PROJETO

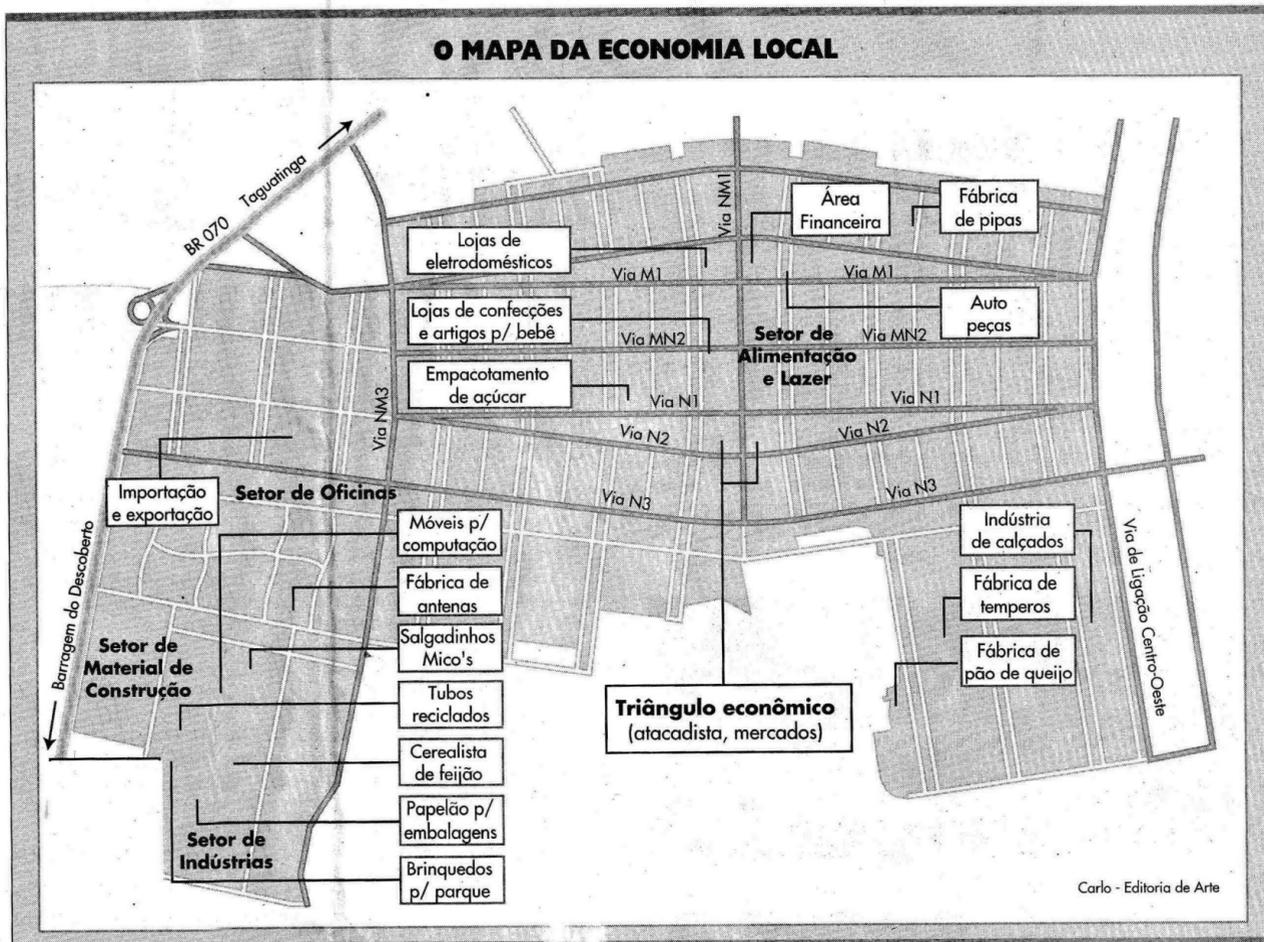
Diante dessas vantagens e querendo atrair investidores de outros estados do país, empresários locais criaram o projeto Paraíso do Emprego, que ainda está sendo avaliado pela Procuradoria de Defesa dos Direitos do Consumidor (Prodecon). A idéia é usar uma área sem construções, perto da Expansão do Setor O e do Setor de Indústria, para construir 1.500 galpões de cem metros quadrados cada um.

"Vamos fazer uma parceria com o Banco do Brasil, Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Microempresa (Sebrae) e com o Governo do Distrito Federal para oferecer vantagens até mesmo a empresários de outros países que queiram se instalar na Ceilândia", sonha Álvaro Iaccino, da Acic.

Pelo projeto da associação, os empresários pagariam R\$ 100 por mês e depois de dez anos usando o galpão poderiam comprá-lo do GDF. "O Paraíso do Emprego vai gerar, no mínimo, seis mil empregos e um fluxo de capital de R\$ 10 milhões por mês", continua Álvaro.

O administrador da Ceilândia, José Eudes de Oliveira, diz estar esperando que o Plano de Ordenamento Territorial e Urbano fique pronto para fazer com que os moradores assumam e tomem conta da cidade.

"A Ceilândia não tinha como crescer porque as antigas normas de uso do solo deixavam comer-



Carlo - Editoria de Arte

ciantes e empresários de mãos amarradas, sem ter como crescer. Com o novo plano diretor, os espaços vazios serão adensados, várias avenidas se transformarão em comerciais e muita gente virá investir aqui", alardeia José Eudes.

HUMANIZAR

O administrador também tem planos de humanizar a cidade, criando canteiros de flores e colocando iluminação onde for necessário. "Nessa área gramada, que fica em frente à Administração, vamos

incentivar a criação de um shopping center. Um representante da loja A Tentação já andou me procurando interessado", segreda Eudes.

Caminhando pela cidade, o administrador mostra que, mesmo com as normas atuais estabelecendo que áreas residenciais não podem ser ocupadas por comércio, esse fenômeno está acontecendo, espontaneamente.

"Percebendo que o mercado da Ceilândia é próspero, várias lojas de outros estados estão se instalando aqui. É o caso da loja MIT de

eletrodomésticos, tradicional em Minas Gerais, que hoje está fazendo sucesso na Avenida Comercial", declara Eudes.

Hoje, a maior preocupação do administrador é terminar as obras de drenagem de águas pluviais, próximo ao setor de indústria, para começar o recapeamento das pistas e a instalação de pontos de luz. "Daqui para frente, a Ceilândia vai deslanchar", garante Eudes.

Houve um tempo em que a Ceilândia impressionou o poeta Carlos Drummond de Andrade por

sua pobreza. "Por que Brasília resplandece ante a pobreza exposta dos barracos da Ceilândia, filhos da majestade de Brasília?", perguntou ele no poema Confronto. Cada vez mais, a cidade se distancia dessa descrição.

Hoje, fabrica-se quase tudo por lá. Coisas do arco da velha são produzidas por gente interessada em ganhar dinheiro: embalagens de papel, plásticos, pipas, calçados, brinquedos para parques de diversão, material de construção, orelhões...

De motorista a industrial

As empresas não são grandes. A fachada dos prédios não é bonita. E como não há muitos policiais na rua, às vezes nenhum, grades e cães tiram a boa impressão de quem chega ao Setor de Indústria, próximo à Expansão do Setor O, pela primeira vez. Quase ninguém sabe, no entanto, que tem muito empresário dando certo e lucrando por lá.

É o caso de Pedro Osmar de Almeida, dono da Serbrinque Brinquedos, responsável pela fabricação de 38 modelos diferentes de brinquedos para playgrounds (balanças, escorregadores, carróséis), mesas, carteiras e cadeiras para escolas, além de bancos de ferro para o jardim.

Em 1978, Osmar foi trabalhar como motorista de uma empresa de fabricação de brinquedos. Passou para vendedor, chefe de vendas e gerente geral da empresa. Em 1983, abriu a empresa própria no Setor de Indústria de Taguatinga, em um galpão alugado. O negócio cresceu e, em 1986, Pedro comprou o lote na Ceilândia.

Hoje, tem seis empregados e vende, em média, R\$ 20 mil por mês. Os brinquedos da Serbrinque, além de serem vendidos em todo o DF, também vão para Valparaíso e Luziânia. "Quero comprar o lote, que fica ao lado da minha fábrica, para ampliar o negócio. Falta conseguir financiamento", diz Pedro.



Pedro Osmar, dono da Serbrinque, fatura R\$ 20 mil por mês

Lucro com feijão e arroz

O dono da Cerealista Guará, Edson Pereira da Silva, trabalha há 15 anos no Setor de Indústria da Ceilândia e garante que não sairia de lá. "Não mudaria nunca minha indústria daqui. Tenho mão-de-obra farta, morando perto da empresa e não preciso pagar nem vale-transporte nem vale-alimentação", relata Edson.

Ele tem 22 empregados trabalhando em um galpão de 2.200 metros quadrados, com a capacidade de beneficiar e empacotar 45 toneladas de feijão por dia e 15 toneladas de arroz. "Minha indústria gera mais de cem empregos indiretos. Tenho vários revendedores, pessoas que transportam meus produtos", continua o empresário.

As meninas dos olhos de Edson são máquinas de última geração que lhe garantem o lucro. Entre elas, duas beneficiadoras de feijão de grande porte, que tiram todas as impurezas e dão polimento no feijão, e quatro empacotadoras automáticas, com capacidade de empacotar cinco toneladas por hora.

"Ninguém põe a mão no feijão ou no arroz. É tudo automático", relata Edson, que também não usa nenhum produto químico para o beneficiamento dos produtos.

Edson compra feijão de vários estados. Seus principais fornecedores de feijão carioca, preto, jalo e engopa (amarelo) estão em Minas Gerais, Goiás, Paraná, São Paulo e Santa Catarina. (FL)